

CARTA DO 10 CONGRESSO DE EDUCACAO PARA A INTEGRACAO DA AMERICA LATINA, NO BRASIL (10 CEPIAL), MARECHAL CANDIDO RONDON, PARANA, 29 DE AGOSTO DE 1992.

O 10 CEPIAL tem sua origem nos propósitos e na iniciativa do COMITE PARA A INTEGRACAO LATINO-AMERICANA (CILA),cuja coordenação geral tem sede na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, Brasil. Do CILA, fazem parte as seguintes entidades: Casa Latino-americana (CASLA) - Secretaria de Estado do Planejamento do Paraná (SEPL) - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) - Prefeitura Municipal de Toledo - Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourao (FACILCAM) - Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná (UNICENTRO) - Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba (SISMUC) - Fundação Cultural de Curitiba (FCC) - Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. (Entidades que assinaram convênio em breve: Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon - Prefeitura Municipal de Assis Chateaubriand, Sind.Escolas Particulares do Paraná).

O 10 CEPIAL reunido na cidade de Marechal Cândido Rondon, Paraná, entre os dias 26 e 29 de agosto de 1992, apresentou e debateu um conjunto de trabalhos em forma de Conferências, Mesas de Debates, Relatos de Experiências e Comunicações, em torno de quatro grandes eixos temáticos, e um quinto de temas livres, cujas respectivas denominações são: 1- Práticas Educacionais dos Países Latino-americanos; 2- Práticas Educacionais Alternativas Contemporâneas; 3- Educação, Cidadania e Identidade Cultural para a Integração da América Latina; 4- Papel dos Meios de Comunicação: Educação e Cultura de Informação.

Educação, Integração, Cidadania, Democracia e Cultura são temas correlatos que estiveram presentes nos múltiplos debates deste Congresso.

A educação tem sido tradicionalmente apresentada como função institucional da escola, gerando apenas expectativas de ordem didático-pedagógica, quando de fato é um fenômeno de transcendência, que interessa ao conjunto das sociedades e dos povos latino-americanos, enquanto exercício diário de construção da cidadania.

Na América Latina, o fenômeno da exploração não é recente. Tem raízes na própria construção de sua história colonial. A expressão mais recente desta exploração é a dívida externa, sem considerar as consequências sociais, oriundas de um modelo político-econômico de exclusão que remonta do processo colonialista e neo-colonialista, isto é, concentrador de renda.

Uma visão conservadora de democracia continua prevalecendo.

Como explicar a revalorização da democracia numa situação de crise econômica estrutural? Não há democracia moderna sem sociedade organizada e sem atores políticos que expressem a sociedade no seu conjunto. A condição necessária e suficiente desta exigência é a participação da

sociedade civil, na construção de seus direitos e de um novo código de deveres que moldarão a agenda de um novo projeto histórico. A revalorização da ética na política é uma das principais pautas hoje desta agenda. A construção de uma sociedade é a autoconstrução de seus atores.

O neo-liberalismo é a expressão moderna do darwinismo social, repondo em maior escala a terrível desigualdade social de nossos países, propondo a modernidade apenas para uma reduzida elite, relegando os nossos povos à miséria e à não cidadania.

A não-cidadania se expressa sobretudo através de um processo de exclusão social, econômica e cultural do índio, do sem-terra, do sem-teto, do negro oprimido desde a escravidão, e dos meninos de rua, expressão pós-moderna da miséria.

Não haverá democracia profunda e substantiva em terras latino-americanas até que não se resolva a questão da terra, da distribuição da renda, do racismo e do acesso universal à educação e à saúde.

Se há um crescente descrédito dos nossos povos com respeito às práticas políticas, é porque os mesmos não se veem contemplados nesta representação.

Um povo sem auto-determinação não pode viver uma democracia.

Não estamos diante do fim da história, mas no início de uma outra história. A integração entre os povos, neste momento crucial de tribalização de certas sociedades é um momento de refundação de um novo projeto baseado na ideia e na prática da solidariedade.

Precisamos flexibilizar a diferença, sem entrar em conflito com a heterogeneidade. Encontrar mecanismos de integração que passem pelo diálogo e pelo respeito de si mesmos e aos outros. O caminho é das especificidades, embora devamos reconhecer a história que fala da igualdade. Identidade e respeito à diversidade, eis a questão.

A integração dos países do Cone-Sul, através do MERCOSUL é apenas uma iniciativa comercial entre empresários dos quatro países. A ideia de integração conseqüente, apesar de não subestimar os aspectos econômicos, pressupõe um maior envolvimento dos povos e não apenas de empresários e governos.

A educação será a via principal pela qual poderemos afirmar a modernidade para nossos povos. Um povo ignorante é um sério candidato a ignorar a sua própria história. A educação como ato crítico radical, de conhecer para transformar, será a única garantia de valorização do ser humano.

A sociedade latino-americana está buscando alternativas e melhorias na sua qualidade de ensino, apesar das dificuldades estruturais.

A crise social ampla em nossas sociedades, se traduz também em crise do ensino superior que significa ainda elitização, desmotivação em função da precarização do mercado de trabalho, penalizando assim a mobilidade social.

As experiências de educação popular são curtas, fragmentadas, sem continuidade.

Os currículos escolares são moldados em parâmetros clássicos sem maior preocupação de construir a educação a partir da realidade latino-americana.

Os profissionais da educação são limitados teórica e metodologicamente, o que impossibilita cumprir o seu verdadeiro papel.

A escola foi ultrapassada pelos novos desafios da modernidade.

Observa-se, no entanto, que os movimentos e instituições populares da sociedade civil podem romper com a ambigüidade do público e do estatal. A escola pública pode assim tornar-se popular, enfrentando o mito justificador de seu fracasso, assentado na fome, na deficiência, no trabalho e outros.

Por vezes, a descentralização suscita discussões pois se por um lado resgata valores próprios, respeitando as divergências sócio-político-culturais, de outro, pode visar somente interesses de um sistema centralizador.

A escola para o povo ainda é um desafio, isto é, aquela que resgate as verdades através de métodos diferenciados, que viabilizem e garantam a apropriação do conhecimento para as maiorias.

O projeto de uma nova prática social com ênfase na construção do homem e da mulher enquanto totalidades, deverá surgir das bases para resgatar nossas experiências de cidadãos latino-americanos.

A comunicação é também entendida como processo de interação. Se a ânsia do ser humano continua sendo a busca da igualdade, a comunicação será cada vez mais decisiva para a implantação da democracia.

Nossas escolas são instituições ortodoxas, ultrapassadas.

A razão da lentidão na utilização da comunicação na escola deve-se ao conservadorismo de nossos professores, à forma de treinamento adotada, à retórica em detrimento da prática.

Apesar dos meios de comunicação possibilitarem melhores condições de saber e informação, o caso da televisão apresenta-se como um meio bastante manipulador de conceitos, de montagem de textos e de programas. Os meios de comunicação têm sempre em mente benefícios particulares e não coletivos. O sistema político dominante, no caso brasileiro, é mantido através do poder dos meios de comunicação de massa; 120 parlamentares do Congresso Nacional, são donos ou têm utilização direta de emissoras de rádio.

A atuação dos educadores deverá ir na direção do resgate da democratização e do controle da informação, da educação e da cultura, veiculadas pelos meios de comunicação.

Este é apenas o Iº CEPAL, dele já aprendemos a ouvir, julgar, opinar, propor, ousar. A história é feita com orientações e vontades em direção a valores e objetivos concretos. A integração é possível.

América Latina é uma terra generosa de utopias. Reafirmemos hoje, uma vez mais, nosso direito ao sonho.

Dimas Floriani
PRESIDENTE I CEPAL